

Apologia do Nada

J. Roberto Whitaker Penteadó

Não somos livres para deixar de ser livres. - Jean-Paul Sartre, O Ser e o Nada

Desde que se esteja atento, uma das coisas boas desta vida é que se pode aprender ou pensar em coisas nos momentos e espaços mais inesperados.

Parei o carro em frente a uma padaria, na Vila Mariana, com a intenção de pedir uma média e um pão com manteiga, sem miolo (na linguagem dos baristas: uma canoa). A televisão estava funcionando, ligada numa estação que transmitia um desenho animado japonês, "para crianças", em que os personagens todos se parecem – mistos de gente e bicho, com grandes olhos arregalados, chifres, caras de caveira com ossos a mostra e outras gracinhas. O som estava desligado e ninguém prestava atenção à telinha. As figuras do filme perseguiam-se, agrediam-se, desesperavam-se, gritavam (acho), mas – de verdade mesmo – nada acontecia. O que, aliás, não fazia a menor diferença, já que ninguém, na padaria, sequer olhava para a TV. Eu era a única exceção - mas fazia pesquisa sociológica, para escrever este artigo.

Sou antigo e calejado inimigo dos desenhos japoneses, desde que minhas filhas pequenas – há bastante tempo – eram expostas a esse tipo de "entretenimento". Achava, então, que os efeitos podiam ser prejudiciais – mas depois convenci-me de que há coisas bem piores, no seio das próprias famílias e na vida de todos os dias nas grandes cidades brasileiras. Mas eles continuam a ser um bom exemplo de Nada. Embora bem diferentes de nós, os japoneses são observadores e perspicazes. Para dominar o mercado dos cartoons, juntaram, com boa técnica visual, tramas e eventos que conseguem identificar nas nossas tiras e na literatura fantástica e - sem qualquer compreensão ou juízo éticos – servem tudo numa seqüência desenfreada, que mesmeriza o público infantil entre um comercial e outro. (E parece que a famigerada OLANA só implica com os comerciais...)

Aliás, a técnica dos desenhos japoneses foi assimilada pela medíocre (e bilionária) escritora Joanne Rowling para criar os textos de Harry Potter, um dos mais perfeitos e acabados exemplos do Nada fantásticamente bem-sucedido e remunerado.

O programa de maior sucesso na TV brasileira, atualmente, também é um bom exemplo de Nada. Qual o efeito absoluto de se assistir a um ou diversos episódios do BBB? Nada. Imagino que maior excitação das fantasias sexuais podem ser obtidas trancando-se, em segredo, no guarda roupa de um quarto de bordel.

Minha sensação de que preenchamos enormes espaços das nossas vidas com o Nada se reforça quando faço pesquisas no Google e leio que há 243 milhões de menções na internet para a palavra Nada; 125 milhões para Rien e 580 milhões para Nothing. Quem precisa saber disso?

E mais: tenho até um certo medo das implicações políticas desta questão que estou levantando aqui. Afinal de contas, o que é que diz – e faz – o nosso atual presidente para ter chegado a conquistar a apaixonada fidelidade de cerca de 80% dos brasileiros?

Disponível em: < <http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=15&ID=513> >.
Acesso em: 23 jul. 2009.